

ALÉM DO AMBIENTE ESCOLAR: ÁREAS VERDES URBANAS COMO SALA DE AULA PARA ESTIMULAR O APRENDIZADO DA BOTÂNICA

João Victor Lins Maciel de Sousa ¹

INTRODUÇÃO

No mundo moderno e urbanizado, o ensino de botânica nas escolas tornou-se desinteressante e massivo, sendo um conteúdo de biologia deixado de lado por muitos alunos – e professores – ao longo do ano letivo. Parte dessa realidade é gerada pelo modo como os frutos, sementes e outros órgãos vegetais chegam até nós pelo supermercado, já embalados e, muitas vezes, prontos para uso. Desse modo, a sociedade em geral tem deixado de relacionar as plantas aos alimentos e materiais de consumo que são utilizados em seu dia a dia (SALATINO E BUCKERIDGE, 2016).

Além disso, quando se pede para que alguém observe uma paisagem natural – como a de uma savana, por exemplo –, o enfoque inicial tende a ser, quase que de imediato, nos animais, enquanto a vegetação retratada na imagem passa despercebida, ficando, por muitas vezes, em segundo plano. Tal falta de conhecimento ou interesse pelas plantas e suas utilidades foi chamada inicialmente de “cegueira botânica”, porém, após diversas considerações, o termo passou a ser conhecido como “impercepção botânica” (SANTOS, 2023).

A impercepção botânica tem influência direta no processo de ensino-aprendizagem em Ciências e Biologia, visto que, a partir dessa perspectiva, surge o questionamento “de que me serve saber botânica?”. Outrossim, muitos professores não recebem durante a graduação uma capacitação necessária para a tradução eficiente desta área do conhecimento em sala de aula, abordando-a de modo raso e enferrujado, alegando falta de afinidade não só de sua parte, mas também dos estudantes (NASCIMENTO *et al.*, 2017). Tal abordagem é meramente conceitual e descontextualizada, desestimulando os discentes frente a um conteúdo já negligenciado, com a falta de atividades práticas e lúdicas, que despertem o interesse em aprofundar-se mais no tema e em suas diversas curiosidades e aplicações.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, joao.vlmsousa@ufpe.br;



Em seu artigo “A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas”, Festas caracteriza o movimento de ensino contextualizado da seguinte forma:

Muito sumariamente, esse movimento afirma que o conhecimento é situado na prática, isto é, que não se pode separar do contexto social e emocional em que é adquirido (LAVE,1993). Considera-se que o pensamento e o conhecimento decorrem das relações entre pessoas envolvidas numa atividade que está sempre inserida num contexto social, cultural e histórico. Desse modo, a aprendizagem é situada em uma prática do mundo em que vivemos e resulta da atividade e da participação do indivíduo nessa prática. (FESTAS, 2015, p. 717).

Áreas verdes urbanas podem ser conceituadas como “regiões onde há o predomínio de vegetação arbórea, englobando as praças, os jardins públicos e os parques urbanos” (LOBADA; ANGELIS, 2005). Sob essa ótica, as seguintes áreas podem ser consideradas fortes aliadas de um ensino contextualizado e interativo, uma vez que são comuns ao dia a dia dos alunos, permitindo-lhes uma maior conexão do conteúdo abordado com a sua cultura e realidade.

Consequentemente, este trabalho busca analisar o uso de áreas verdes urbanas como locais informais de aprendizagem, com enfoque no ensino de botânica, estimulando a interação dos estudantes com o ambiente em que estão inseridos, interligando seu conteúdo com a realidade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O seguinte trabalho foi desenvolvido com oito alunos do 7º ano do Colégio e Curso Nossa Senhora do Carmo, no bairro do Ibura - PE, realizando visitas a duas praças próximas ao ambiente escolar (P1 e P2) e utilizando a metodologia de aprendizagem contextualizada, na qual os alunos foram apresentados ao conteúdo teórico em sala de aula, mas também levados à prática em meio ao seu ambiente sociocultural.

As atividades foram divididas em quatro etapas. Inicialmente, os estudantes foram questionados sobre “O que é botânica?”, “De que te serve saber botânica?” e “Entre plantas e animais, qual você prefere estudar?”, proporcionando um momento de reflexão e troca de ideias entre a turma sobre as questões levantadas. Posteriormente, conceitos teóricos básicos foram introduzidos, não somente trazendo conteúdos sobre morfologia, reprodução e taxonomia, mas também ideias sobre o uso de plantas na culinária e medicina, sua



importância para a sociedade e curiosidades e adaptações ocorrentes no Reino Plantae que, comumente, não são levadas à sala de aula.

Ao final do conteúdo teórico e retirada de dúvidas, houve a saída da sala de aula, realizando visitas a duas praças próximas à região escolar. Nelas, os alunos realizaram coletas, buscaram identificar as estruturas apresentadas em sala e os diferentes grupos de plantas, além observar as interações ecológicas existentes no ambiente.

Por fim, findadas as observações, foi realizada uma roda de conversa no centro da P2, em que os alunos foram convidados a relatar suas observações e opiniões quanto ao modelo de aula desenvolvido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas provocações feitas aos alunos antes do conteúdo teórico, apenas um soube responder à pergunta “O que é botânica?”, enquanto quatro responderam superficialmente à questão “Para que serve saber botânica?”. Todos, ao serem questionados, expressaram preferência por estudar animais. Esse comportamento evidencia o baixo interesse dos estudantes pelo conteúdo, conforme apontado por Silva e Ghilardi-Lopes em “Botânica no Ensino Fundamental: diagnóstico de dificuldades no ensino e da percepção e representação da biodiversidade vegetal por estudantes”.

Na aula introdutória, inicialmente, foi observado um baixo interesse dos alunos em relação a temas mais teóricos, como estruturas e taxonomia. No entanto, ao abordar tópicos de curiosidades, usos e adaptações, a turma começou a fazer perguntas e comentários sobre situações cotidianas e experiências passadas. Uma aluna, por exemplo, relatou não saber que as plantas se moviam em direção à luz, o que a ajudou a compreender por que as plantas de sua mãe geralmente se inclinavam em direção à janela.

Durante a visita a P1, localizada em frente à escola, os alunos mostraram-se animados com a aula. Foi possível realizar a observação do ambiente, quais grupos de plantas podiam ser identificados, plantas epífitas e praticar a coleta de briófitas. Já na P2, localizada a 350 metros da escola, pode ser feito uma análise de peças florais, identificando partes femininas e masculinas, assim como presenciar o processo de polinização realizado por abelhas.

A partir da roda de conversa, os alunos expressaram suas opiniões sobre a aula, tornando nítida a alta taxa de aprovação, visto que, todos disseram ter gostado deste tipo de atividade. Comparando as respostas das perguntas iniciais com as alegações ao final da atividade, observou-se uma mudança positiva na perspectiva dos alunos quanto à botânica.



Alguns dos adjetivos utilizados para caracterizar a atividade foram: incrível, muito legal e interessante, além de comentários como “é bom sair um pouco da sala”.

Em suma, todos concordaram que sair do ambiente escolar para áreas de vegetação auxilia significativamente no ensino de botânica. Essa observação está alinhada com as conclusões de Melo *et al.* em “A aprendizagem de botânica no ensino fundamental: dificuldades e desafios”, que informa sobre a necessidade de uma maior utilização de recursos diversificados para dinamizar o aprendizado, assim como o aumento do número de aulas práticas. Além disso, o uso de áreas verdes urbanas como espaços não-formais de ensino contribui para motivar a curiosidade e interesse dos alunos, unindo a teoria e a prática no processo de ensino-aprendizagem (FILHO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, o aumento da afinidade dos estudantes após o uso das áreas verdes foi significativo. O uso do espaço não-formal foi bastante eficaz, estimulando a curiosidade e autonomia dos estudantes e contribuindo para a formação de uma compreensão mais profunda e duradoura sobre o mundo vegetal.

Portanto, fica clara a importância da implementação de aulas práticas no ensino de botânica, além da contribuição positiva exercida pelas áreas verdes urbanas nesse processo.

Palavras-chave: Ensino de ciências; Botânica, Áreas verdes.

REFERÊNCIAS

FESTAS, M. I. F. A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui**, V. 41, P. 713-727, 2015.

FILHO, E. N. F. PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A UTILIZAÇÃO DE UMA ÁREA VERDE COMO ESPAÇO NÃO FORMAL PARA O ENSINO DE BOTÂNICA. **Experiências em Ensino de Ciências**, V. 14, P. 556-568, 2019.

LOBADA, C. R.; ANGELIS, B. L. D. ÁREAS VERDES PÚBLICAS URBANAS: CONCEITOS, USOS E FUNÇÕES. **Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, V. 1, P. 125-139, 2005.

MELO, E. A. et al. A aprendizagem de botânica no ensino fundamental: dificuldades e desafios. **Scientia Plena**, V. 8, P. 1-8, 2012.



NASCIMENTO, B. M. et al. Propostas pedagógicas para o ensino de Botânica nas aulas de ciências: diminuindo entraves. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, V. 16, P. 298-315, 2017.

SALATINO, A.; BUCKERIDGE, M. “Mas de que te serve saber botânica?”. **Estudos Avançados**, V. 30, P. 177-196, 2016.

SANTOS, V. A. Impercepção botânica e o valor dos recursos didáticos em seu combate: uma revisão sistemática. São Cristóvão, 2023.

SILVA, J. N.; GHILARDI-LOPES, N. P. Botânica no Ensino Fundamental: diagnóstico de dificuldades no ensino e da percepção e representação da biodiversidade vegetal por estudantes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, V. 13, P. 115-136, 2014.